

DE MONTEVIDÉU A PAYSANDÚ COM DÁMASO ANTONIO LARRAÑAGA: DIÁRIO DE UMA VIAGEM NA BANDA ORIENTAL DE 1815

LAURO MANZONI BIDINOTO*

INTRODUÇÃO

Em conflito aberto com o núcleo dirigente de Buenos Aires desde o rechaço dos deputados orientais na Assembléia Constituinte de 1813, Artigas estabeleceu um governo autônomo na Banda Oriental em fins de fevereiro de 1815, quando suas tropas conseguiram tomar a cidade de Montevidéu. Coexistiram, a partir de então, dois centros de poder na Província: o *Cabildo* de Montevidéu, composto principalmente pela elite, e o Quartel Geral de Artigas, em *Paysandú*, apoiado pelo “*pueblo en armas*” (FREGA, 1998, p. 116). Num momento de crise entre estas duas autoridades¹, em maio de 1815, os ânimos se acirram ao ponto de Artigas ameaçar a entrega de seu posto, ao que o *Cabildo* retrocedeu, uma vez que sem seu apoio temia pela anarquia que poderia tomar conta da Província. Para dissipar os “mal-entendidos” e fazer com que Artigas permanecesse à frente das tropas, em Assembléia do dia 29 de maio o *Cabildo* resolveu enviar Dámaso Antonio Larrañaga e Antolín Reyna com urgência até *Paysandú*.

Neste artigo, tenho como objetivo analisar o diário produzido por Larrañaga a partir desta viagem - que posteriormente seria publicado sob o título *Diario de viaje desde Montevideo al pueblo de Paysandú*² -, apontando algumas possibilidades interpretativas que o texto oferece enquanto documento histórico. No primeiro capítulo reuni alguns dados biográficos do autor do diário procurando dar uma idéia geral a respeito de sua trajetória, principalmente até o momento em que escreveu o texto em 1815. No restante do trabalho abordei o diário a partir de alguns temas centrais, procurando, na medida do possível, compará-lo com outros textos do século XIX, tanto para identificar influências que pesaram sobre o autor, quanto para mostrar alguns pontos de vista diversos ao dele.

* Doutorando em História na UFRGS. Bolsista da CAPES. E-mail: laurobidinoto@yahoo.com.br

¹ Sobre o desentendimento entre o *Cabildo* e Artigas ver: Frega (1998, p.122-125).

² Para esta pesquisa utilizei a versão presente na seleção de escritos de Larrañaga publicada em 1923 pela *Imprenta Nacional* (LARRAÑAGA, 1923, p. 37-84).

1. O AUTOR

Quando escreveu o diário Dámaso Antonio Larrañaga contava com 43 anos de idade e havia assumido o posto de Cura e Vigário Interino de Montevidéu há cerca de três meses. Nascido naquela cidade no ano de 1771, ele foi o terceiro filho - de um total de oito - de uma família sem muitas posses. Coursou os estudos primários no Colégio do Convento Franciscano de Montevidéu, mas depois de finalizar esta etapa teve que aguardar até os dezoito anos para que pudesse entrar no *Real Colegio de San Carlos*, em Buenos Aires, oportunidade que só apareceu depois da morte de Carlos, o segundo de seus irmãos³, o qual se preparava para a carreira eclesiástica. Dámaso recebeu então uma espécie de “bolsa de estudos” que antes pertencia ao irmão - morto por afogamento junto com outros colegas (FAVARO, 1950, p.11). Embora aguardasse para seguir a carreira de medicina, ao entrar no *Colegio* ele optou pelos estudos que o levariam ao sacerdócio. Naquele período, a carreira eclesiástica era uma das poucas que ofereciam oportunidades de ascensão social aos jovens oriundos de famílias pobres, e, mesmo entre as ricas, era comum enviar o primogênito ou o segundo filho para a Igreja, tanto pela questão cultural-religiosa quanto pelo *status* que um bom posto na hierarquia eclesiástica poderia proporcionar (PADOIN, 2001, p. 33). Tanto era assim que, ao optar por essa carreira em detrimento da medicina, Larrañaga teria sido chamado de “ambicioso”⁴.

Os movimentos de independência no Prata a partir de 1810 trouxeram novas oportunidades de trabalho e *status* aos jovens com a organização dos corpos militares (PADOIN, 2001, p. 33). Entretanto, os padres ainda mantiveram algum prestígio nestas primeiras décadas do século XIX, pois grande parte dos sacerdotes aderiu aos movimentos de independência⁵ e os líderes à frente da luta armada tinham consciência de que precisavam deles, tanto pelo seu poder de influência e recrutamento entre a

³ O primogênito, Manuel, se dedicou ao transporte de mercadorias (CAMUSSO, 1922, p.3-6).

⁴ Rafael Algorta Camusso (1922, p.6) afirma ter consultado uma carta de Larrañaga a Mariano Medrano em que ele “*hacía alusión a las intrigas que lo dieron como ambicioso cuando se decidió a estudiar para sacerdote*”. Camusso se refere ainda a certas insinuações que seriam feitas a respeito de que Larrañaga abandonara o desejo de seguir a medicina para atender à vontade dos pais que a todo custo queriam um filho sacerdote para o qual já teriam até a promessa de uma capela.

⁵ Segundo Nancy Calvo (2002, p.94), a maioria dos 26 sacerdotes que participaram do *Cabildo* Aberto de 1810 votou pela deposição do Vice-rei Cisneros. De acordo com Marcela Ternavasio (2002, p. 175), na Banda Oriental, 9 em cada 10 curas aderiram efetivamente à Revolução.

população⁶, quanto pelo fato de que entre os sacerdotes se encontravam a maioria dos letrados capazes de ocupar os novos cargos que o ordenamento burocrático dos novos Estados exigia.

Em alguns aspectos a trajetória de Larrañaga se assemelha a de muitos outros seus pares daquele período que tiveram papel ativo em diversas questões políticas. Nas invasões inglesas no Prata, como capelão de milícias, acompanhou a expedição que partiu para Buenos Aires em 1806 para expulsar os ingleses daquela praça, e, no ano seguinte, combateu os invasores em Montevideú⁷. Em 1808 participou do *Cabildo Aberto* que resultou na criação da Junta de Montevideú, a qual é considerada por muitos como um antecedente da revolução de maio de 1810, na medida em que “*fraturó la unidad virreinal y creo un precedente peligroso de desobediencia a la autoridad real*”(NAHUM, 1999, p. 14). Mais tarde, no movimento artiguista, durante a invasão portuguesa, no período de domínio brasileiro, e também no Uruguai independente, a participação política de Larrañaga se manifestaria sobretudo na atuação em missões diplomáticas e na ocupação de postos formais no Estado. Uma dessas participações se deu em 1813, quando foi um dos portadores das *Instruciones del año XIII*, conjunto de 20 instruções enviadas por Artigas em nome dos orientais à Assembléia Constituinte instalada em Buenos Aires⁸.

Todavia, algumas peculiaridades diferenciam Larrañaga dos demais sacerdotes. A primeira delas é que ele viria a alcançar o mais alto posto na hierarquia eclesiástica da Banda Oriental e, depois, do Uruguai independente, quando foi investido no cargo de Vigário Apostólico, em 1832. Ordenado sacerdote no Rio de Janeiro em 1798, inicialmente trabalhou como capelão de milícias do Regimento de Voluntários de Infantaria de Montevideú e, a partir de 1804, também como tenente cura da Igreja Matriz da cidade. No entanto, já assessorava o Cura e Vigário de Montevideú, Juan José Ortiz, desde fins do século XVIII, depois de haver recebido as ordens menores sacerdotais em Buenos Aires. Sua ascensão se deu principalmente a partir de fevereiro

⁶ Conforme Ana Frega (1998, p. 112), em diversas ocasiões Artigas exortou os sacerdotes para que convencessem os fiéis da “causa justa” da Revolução, inculcando-lhes ânimo para sustentar a liberdade.

⁷ A participação de Larrañaga na expedição que expulsou os ingleses de Buenos Aires foi em parte documentada pelo próprio Larrañaga em carta que enviou a Pedro Francisco Berro em 16 de agosto de 1806 descrevendo o sucesso da empreitada. Ver Larrañaga (1923, p.107-110).

⁸ Alguns biógrafos de Larrañaga cogitam a possibilidade de que tenha sido ele o autor das *Instruciones*. (BERRO, 1965, p. 11; CAMUSSO, 1922, p. 36-37).

de 1815, quando assumiu, conforme assinala anteriormente, o posto de Cura e Vigário Interino de Montevideu, um cargo de real importância na Igreja da Banda Oriental. Embora na hierarquia eclesiástica aquela região pertencesse à diocese de Buenos Aires, não existindo, portanto, alto clero na Banda Oriental, a situação de “independência” a partir da revolução artiguista transformava o vigário de Montevideu numa espécie de chefe informal da Igreja naquela Província, o que iria mais tarde se concretizar de maneira oficial, pois ainda em 1815 Larrañaga recebeu autorização para agir com certas “faculdades especiais” em caso de isolamento da região⁹.

Outra peculiaridade na trajetória de Larrañaga diz respeito a sua atuação enquanto naturalista. Ainda que outros clérigos tenham desenvolvido estudos semelhantes no mesmo período, poucos atingiram o nível alcançado por ele. Iniciou suas pesquisas científicas de forma autodidata nos primeiros anos do século XIX, interessando-se principalmente por botânica. Contudo, só alcançaria maior reconhecimento nessa área na segunda metade da década de 1810, a partir do contato com pesquisadores europeus, como os franceses Auguste de Saint-Hilaire, Aimé Bonpland, Luis de Freycinet e o alemão Friedrich Sellow. Ainda assim, em 1815, quando fez a viagem até *Paysandú*, já possuía significativa experiência nessa área, conforme procurei mostrar ao analisar seu diário.

2. O DIÁRIO

A viagem de ida e volta entre Montevideu e *Paysandú* demorou 27 dias e ocorreu entre 31 de maio e 26 de junho de 1815. Além de Larrañaga e Antolín Reyna, que representavam o *Cabildo*, viajaram também um representante do Governador Intendente e um representante da Assembléia. Partiram num *coche* puxado por duas mulas, escoltados por nove homens, enquanto que as bagagens seguiram numa pequena carreta que logo no primeiro dia teve um eixo quebrado, dando início aos muitos contratempos enfrentados no caminho. O frio, as difíceis travessias dos rios, os cães raivosos, os ataques de pulgas e mosquitos, as “feras selvagens” à noite e, por vezes, a comida indigesta, completaram a lista de adversidades.

⁹ Conforme documentos transcritos por Edmundo Fávoro (1950, p.118-121).

Sem a pretensão de abordar todos os assuntos sobre os quais trata o diário, organizei sob três tópicos aquilo que considere mais significativo: Aspectos diversos; Artigas; Situação econômica da Província.

2.1. Aspectos diversos

Neste primeiro tópico apresentarei alguns assuntos que, embora não se relacionem diretamente entre si, têm em comum o fato de serem exaustivamente abordados por Larrañaga ao longo do diário.

Sem dúvida, o aspecto do cotidiano mais bem documentado diz respeito à alimentação. Foram poucos os dias em que Larrañaga não escreveu sobre o que foi servido para a comitiva, e chegam a mais de trinta às referências ao tema ao longo do texto. A partir destes registros é possível perceber, entre outras coisas, que aquilo que ele considerava uma boa refeição incluía o consumo de carne de aves, enquanto que a carne bovina era bem-vinda em forma de guisado. Quando assada em pedaços, a carne bovina era considerada comida de peões. Veja-se, por exemplo, a descrição da ceia que lhes foi oferecida na *Villa de San Juan Bautista* no segundo dia da viagem:

Uno de nros. Compañeros el señor Regidor de Menores, tubo la bondad de cuidar de que se nos proporcionase una buena cena [...] Su Señoría lo desempeño tan bien que no faltaron buenos pollos asados y guisados con el mayor primor, buen caldo, hervido, pan, vino y café con cubiertos de plata. Para los peones y escolta se hizo carnear una res, y así nada faltó, no solo de lo necesario sino ni aun del regalo (LARRAÑAGA, 1923, p. 44).

Em outro trecho, que se refere à janta do terceiro dia, na casa de um “*comissionado*”¹⁰ de campanha, Larrañaga (1923) novamente exalta o jantar que teve “*patos y pollos bien sazonados*”(p. 46), e, ao falar da janta dos peões e da escolta que acompanhavam a comitiva, novamente registra que mataram uma rês “*y comieron sus asados y churrascos, que son unas tiras largas de carne tiradas sobre las brasas, sin más condimento ni sal*”, e acrescenta: “*Esto suele ser su comida ordinaria*”(p. 46). Há também uma outra referência que deixa bem clara a preferência pelas aves, nos registros

¹⁰ O próprio Larrañaga (1923, p. 46) explica que o “*comisionado*” era um morador nomeado pelo *Cabildo* para atuar em determinada região da campanha ficando responsável por prender delinquentes e resolver pequenos problemas entre moradores, entre outras coisas.

do dia cinco de junho, quando a janta teria sido tão farta que “*hasta los peones comieron aves*”(p. 53).

Já a bebida preferida por Larrañaga para acompanhar as refeições era sem dúvida o vinho, enaltecido em mais de uma ocasião, ao contrário das “*bebidas espirituosas*”, ou seja, os destilados, veementemente condenados pelo autor ao narrar um incidente ocorrido logo no segundo dia de viagem: dois índios irmãos que cuidavam das mulas brigaram depois de bêbados e a luta terminou com a morte de um deles. Reprovando a venda de tais bebidas, amplamente difundida nos estabelecimentos da campanha, Larrañaga propõe que as autoridades combatam o tráfico de “*bebidas espirituosas*” a partir da imposição de um “*fuerte derecho*”(p. 42) esperando com isso diminuir o número daqueles que pudessem “*contraher un vicio tan detestable*”(p. 42).

Outro aspecto bastante documentado no diário são as observações que Larrañaga faz enquanto estudioso naturalista. Certas colocações pontuais ao longo do texto mostram que em 1815 ele já havia adquirido uma boa bagagem de estudos.

A maioria das citações referentes à natureza no diário teve como motivo os cursos de água. É bastante compreensível que assim tenha sido. Foram mais de trinta travessias entre rios e arroios, algumas tranqüilas quando a água era pouca, outras extremamente difíceis, quando os rios transbordavam. Havia o agravante do frio, pois a jornada se deu na transição do outono para o inverno, período de baixas temperaturas no qual é comum a formação de geada. Nas noites gélidas o recurso dos viajantes, em mais de uma ocasião, foi dormir ao pé do fogo. Contudo, para além das travessias, os cursos de água interessavam a Larrañaga principalmente pelas plantas e animais que abrigavam, bem como pelos tipos de solo que apresentavam em suas margens.

Ficou muito satisfeito quando alcançaram o Rio Negro no oitavo dia de viagem e se hospedaram numa casa de onde podiam observá-lo. Não perdeu muito tempo antes de fazer a primeira incursão pelos arrabaldes: “*Ansioso de ver el bosque y este caudaloso Rio, baxamos inmediateam.te al Puerto...*”(p. 57). Nesta primeira descida ao rio pôde observar detalhes acerca de sua largura e profundidade, bem como algumas árvores que não conhecia, mas foi na manhã seguinte que pôde analisar a flora com maior rigor, registrando no diário a existência de diversas ervas, algumas das quais conhecia pelos nomes científicos. Nem mesmo quando voltou ao rio para pescar durante a tarde deixou de lado suas observações de naturalista. Anotou no diário as espécies de peixes que

esperava encontrar, aquelas que realmente pescou, e acrescentou alguns dados a respeito do tamanho dos peixes.

Não seguiam a viagem porque aguardavam que Artigas viesse ao encontro da comitiva. No entanto, diante da demora do General, acordaram seguir a *Paysandú* no dia seguinte, nove de junho. Apesar de tudo pronto, tiveram que adiar a partida quando amanheceu, pois receberam informações que não poderiam “*pasar sin riesgo el Rio por el mucho viento que soplava*”(p. 59). Mais uma vez então as ocupações de Larrañaga voltam-se à observação das redondezas do rio: “*Observé unas aves de rap.a para mí nuevas, Falco Linnei, y otra un poco mayor que un hornero y casi del mismo color, que no pude por la distancia determinar su familia, pero me pareció una especie de Corvus Linn...*”(p. 59). E assim continuava com seus apontamentos, como em diversas outras ocasiões faria ao longo da viagem. Outras vezes registrava o descontentamento por não poder se deter em determinados lugares onde desejaria pesquisar, como se deu quando passaram ao lado do Rio Uruguai, frente ao qual se quedou extasiado, um dia antes de chegarem a *Paysandú*:

...muy achurroso y todo poblado de grandes y hermosas islas. Jamas he visto lugar que mas me hechisase: creo que en pocas partes haya derramado la naturaleza a manos llenas ni mas belezas ni mas encantos; y que mortificación para mi no fue tener que tomar otro caballo y salir inmediatamente sin permitirme baxar al Rio para observarlo de más cerca y para verlo quizás jamás (LARRAÑAGA, 1923, p. 64).

Não pude averiguar até o momento se Larrañaga algum dia voltou a ver o Rio Uruguai, mas o certo é que depois de 1815 lhe restariam apenas mais dez anos, não só para ver o rio, como também para observar com os olhos qualquer aspecto da natureza que tanto lhe era cara, pois ainda que viesse a falecer apenas em 1848, a partir de 1825 perderia a visão devido a problemas de catarata (CASTELLANOS, 1952, P. 41).

O terceiro aspecto que quero chamar atenção pelo grande número de registros refere-se à situação da Igreja na Banda Oriental. Preocupado com as más condições dos templos que encontrava pelo caminho, Larrañaga observou e registrou com detalhes a situação das capelas nos povoados por onde passou nos 27 dias de viagem. Em geral, deparou-se com instalações em péssimo estado, reflexo das dificuldades enfrentadas pela Província em guerra.

Com exceção da Igreja Matriz de *San Domingo Soriano*, as demais apresentavam uma série de problemas, principalmente nas instalações. Ao descrevê-las, ele não economizou nas críticas, chegando por vezes a propor medidas pouco usuais, como no caso em que se refere às imagens de santos da Igreja Paroquial de *Canelones*: à parte a efígie de N. S. de Guadalupe, afirma que as demais “*son indecentes y debian quemarse principalmente un S. José de la Sacristia y un Crucifixo aun mucho peor*”(LARRAÑAGA, 1923, p. 41). Em outras passagens a situação dos sacerdotes também foi registrada, da mesma forma apontando os problemas, a exemplo do caso do padre de *San Juan Bautista*, que enfrentava contratempos por não ter outra renda senão os emolumentos cedidos pelo cura de *Canelones* (p. 43).

2.2. Artigas

Larrañaga não entra em detalhes no diário sobre o assunto a ser tratado com Artigas, embora a viagem se dê precisamente para realizar tais negociações. Entretanto, faz algumas referências ao próprio Artigas, de quem havia sido colega no Convento dos Franciscanos, além de haver realizado seu casamento, em 1805, na Igreja Matriz de Montevideú (CAMUSSO, 1922, p. 19-20). Refletindo as boas relações que os dois mantinham neste período, as referências ao General registradas no diário são bastante positivas. Em duas ocasiões elas se dão para apontar lugares em que aconteceram vitórias das forças artiguistas (LARRAÑAGA, 1923, p. 40, p. 48). No entanto, a figura de Artigas ganha vulto na narrativa na parte em que Larrañaga registra o encontro com ele em *Paysandú*. O que mais chamou a atenção no autor do diário foi o que ele caracterizou como “*espartanismo*” de Artigas, ou seja, a maneira simples como o General vivia, desde as roupas que vestia até as instalações em que se alojava.

Chegando a *Paysandú* em 12 de junho, os viajantes se hospedaram na própria habitação de Artigas, assim descrita:

Esta se componia de dos piezas de azotea, una de cuatro varas y la otra de seis con otro rancho contiguo q.e servia de cocina. Sus muebles se reducian a una petaca de cuero y unos catres (sin colchon) que servian de cama y sofa al mismo tiempo. En cada una de las piezas habia una mesa ordinaria como las que se estilan e el campo una p.a escribir y otra p.a comer: me parece que habia tambien un banco y unas tres sillas muy pobres (LARRAÑAGA, 1923, p. 67).

Grifei propositalmente a expressão “*me parece que habia*” na citação acima, pois ela sugere que esta parte do diário foi escrita depois da viagem, ou então, que Larrañaga retocou certas passagens posteriormente. Outras expressões ao longo do texto reforçam esta última hipótese. No entanto, a maior parte parece ter sido escrita durante a viagem (ou pelo menos uma primeira versão do diário), pois em certo trecho ele afirma que não via a hora de se recolher para poder continuar escrevendo (LARRAÑAGA, 1923, p. 51). Neste sentido também é interessante notar que em determinada passagem ele usa a expressão “*El lector habrá observado que...*”(p. 51, grifo meu), dando o indicativo de que não se tratavam apenas de anotações para um diário particular, mas sim, de algo que viesse a se tornar público. Creio que essas características devam fundamentalmente ser levadas em conta na forma como se deve ler esse documento, uma vez que explicam muito do que está contido no texto, como por exemplo, o fato de Larrañaga propor soluções para determinados problemas que ele identifica.

Feito esse breve desvio para discutir a forma de escrita do diário, retomo a narrativa sobre Artigas, a qual se torna mais detalhista quando se trata de descrever a maneira como se veste o General:

En nada parecia un General: su traje era de paysano, y muy sencillo: pantalon y chaqueta azul sin vivos ni vueltas, zapato y media blanca de algodón; sombrero redondo con gorro blanco, y un capote de bayeton eran todas sus galas, y aun todo esto pobre y viejo (LARRAÑAGA, 1923, p. 67).

De maneira geral, o tom adotado na descrição é, pois, o do elogio à simplicidade, o qual continua quando entra em questão a personalidade de Artigas, apresentado como homem de fala lenta e pausada capaz de concentrar em poucas palavras o que queria dizer, tendo em vista sua experiência e instinto (LARRAÑAGA, 1923, p. 67). Há um parágrafo que destaco a seguir pelo motivo de que nele Larrañaga refere-se à forma como se daria o domínio de Artigas sobre seus comandados:

Conoce mucho el corazón humano, principalmente el de nros. Paysanos, y asi no hay quien le iguale en el arte de manejarlos. Todos le rodean y todos le siguen con amor, no obstante que viven desnudos y llenos de miserias a su lado, no por falta de recursos sino por no oprimir a los pueblos con contribuciones [...] (LARRAÑAGA, 1923, p. 67).

Larrañaga mostrou-se bastante impressionado também pelo fato de que, no primeiro dia da chegada da comitiva a *Paysandú*, depois de uma ceia modesta com talheres e louças escassos, Artigas retirou-se a um rancho e cedeu o próprio quarto e seu

catre de couro para que ele dormisse. Ainda que tivesse pousado em locais pouco confortáveis ao longo da viagem até ali, Larrañaga não estava tão acostumado ao que ele novamente chama de “espartanismo” do General e terminou estendendo o colchão que trazia consigo para poder descansar (LARRAÑAGA, 1923, p. 67-68).

É interessante comparar essa descrição de Artigas feita por Larrañaga com aquela que mais tarde, em 1845, aparece na obra *Facundo*, de Domingos Faustino Sarmiento (1996). Para este, Artigas, o “caudilho célebre” era um “instrumento cego, mas cheio de vida, de instintos hostis à civilização européia e a toda a organização regular” (p.71). Na dicotomia entre “civilização” e “barbárie” estabelecida por Sarmiento, Artigas era o “caudilho bárbaro”, “caudilho das massas à cavalo”, “contrabandista”, “comandante de campanha”, “fazendo guerra à sociedade civil” (p.73). Ou seja, para Sarmiento, Artigas era o típico caudilho americano, fruto da “barbárie” desta terra, em luta constante contra as instituições européias que representavam a “civilização”.

Algumas das características que Sarmiento observou em Artigas para descrevê-lo negativamente em 1845 enquanto exemplo maior de caudilho foram as mesmas que em 1815 Larrañaga apontou em seu diário para tecer elogios ao General, ainda que Larrañaga não use a expressão “caudilho”, mais tarde usada pejorativamente para o contexto do Prata por Sarmiento¹¹. Ambos apontam o domínio de Artigas sobre os seus comandados. A diferença é que, enquanto Larrañaga exaltou as qualidades do comandante que conseguia “compreender” seus seguidores, e assim “*manejarlos*”, Sarmiento ressaltou a ignorância da população “bárbara” da campanha que se deixava manejar pelo caudilho. Da mesma forma, o “espartanismo” de Artigas que tanto impressionou positivamente a Larrañaga em 1815, trinta anos depois foi listado por Sarmiento entre as características negativas dos “bárbaros” da campanha que teriam atingido seu máximo desenvolvimento depois da Revolução de 1810:

Com a revolução, aquelas compleições espartanas, aquelas forças físicas tão desenvoltas, aquelas disposições guerreiras que se malbaratavam em punhaladas e talhos uns entre uns e outros, aquela desocupação romana a que só faltava um campo de Marte para pôr-se em exercício ativo, aquela antipatia à autoridade com quem viviam em contínua luta – tudo encontrava, enfim, espaço para abrir caminho por onde avançar e sair à luz, ostentar-se e desenvolver-se” (SARMIENTO, 1996, p. 69, grifo meu).

¹¹ Sobre os diferentes empregos da palavra “caudilho” ver GUAZZELLI (2000).

Larrañaga (1923) eleva Artigas ao posto de “*Heróe*” em seu diário quando enaltece sua conduta ao libertar alguns prisioneiros bonaerenses que haviam caído em seu poder. Ao devolver-los às tropas de Buenos Aires teria confirmado a palavra empenhada anteriormente, recebendo aplauso dos “*buenos americanos*”, que por fim se quedaram desenganados acerca dos “*negros colores*” de “*fiera*” e “*fascinoso*” nos quais ele havia sido pintado pelos “*embidiosos de su gloria*” (p. 69). Por sua vez, Sarmiento (1996), em *Facundo*, realça o “instinto carniceiro” do caudilho afirmando que a *montonera* de Artigas costumava costurar os inimigos dentro de um couro e abandoná-los no campo para morrerem lentamente (p. 72).

Não é difícil entender como descrições tão opostas possam referir-se ao mesmo personagem tendo em conta o contexto específico em que cada uma delas foi construída. No caso de Sarmiento, há que se observar o seu papel de político liberal atuante em enfrentamento com diversos caudilhos (GUAZZELLI, 2000) àquela altura em que escreveu *Facundo*, ao passo que Larrañaga, como salientei anteriormente, em 1815 atuava como aliado de Artigas. Se o diário fosse escrito um ano e meio depois, em janeiro de 1817, talvez Larrañaga não se referisse a Artigas com a mesma admiração, pois então o sacerdote já se encontraria em lado oposto do General, recebendo as tropas portuguesas que sob o comando de Frederico Lecor ocuparam Montevideu e, em seguida, integrando a missão que partiria ao Rio de Janeiro para oferecer ao rei D. João VI a incorporação da Província Oriental aos seus domínios.

2.3. Situação econômica da Província

Mais do que um testemunho documentado da situação econômica da Banda Oriental, o diário aponta em diversas ocasiões o caminho considerado ideal pelo autor para solucionar os problemas que identifica. Neste sentido, de apontar soluções, o texto assemelha-se ao *Memoria sobre el estado rural del Río de la Plata en 1801*, publicado pouco tempo antes pelo engenheiro espanhol Félix de Azara (1943)¹². Não posso afirmar que Larrañaga já tivesse lido especificamente este texto em 1815, porém, no ano

¹² Félix de Azara (1742-1821) chegou ao Rio da Prata em 1781 integrando um grupo encarregado de fixar os limites entre os territórios da Espanha e de Portugal conforme o Tratado de Santo Idelfonso de 1777. Permaneceu durante 20 anos no Prata em função dos atrasos no projeto de demarcação. Neste período explorou o território tendo realizado diversos estudos naturalistas.

seguinte ele vai se referir a diversos escritos de Azara no discurso que faz para a inauguração da Biblioteca Pública de Montevideu, em maio de 1816, a chamada *Oracion Inaugural* (LARRAÑAGA, 1923, p. 133-146). Aliás, nesta, Larrañaga esboça uma espécie de “*plan de gobierno*” baseado nas necessidades da Província que observou durante a viagem a *Paysandú* (CASTELLANOS, 1952, p. 102).

No diário de 1815 Azara chega a ser citado, contudo, a propósito da classificação de uma espécie de pássaro que ele havia citado em seus estudos naturalistas (LARRAÑAGA, 1923, P. 63). Talvez o contato entre eles tenha se dado também pessoalmente, possibilidade levantada por Alfredo R. Castellanos (1952, p. 13-14), na opinião de quem, Azara teria sido um dos inspiradores da inclinação de Larrañaga para os estudos naturalistas no início do século XIX. A argumentação de Castellanos baseia-se no fato de que Azara teria ido diversas vezes a Montevideu no mesmo período em que Larrañaga trabalhava como assessor do Cura e Vigário da Igreja Matriz Juan José Ortiz nos últimos anos do século XVIII. Um dado que reforça a idéia de que os dois teriam se encontrado é que outro integrante da missão de demarcação da qual Azara fazia parte, o engenheiro Dn. José Custodio de Saa e Faria, oriundo de Portugal, mas a serviço da coroa espanhola na ocasião, envolvia-se com a construção da nova Igreja Matriz de Montevideu. Azara teria que encontrar-se com Saa e Faria em função de suas atividades de demarcação e nessas ocasiões é provável que Larrañaga o tivesse conhecido (CASTELLANOS, 1952, p. 13-14).

Outra semelhança entre os textos de Larrañaga e Azara encontra-se no fato de que ambos enfatizam a necessidade de dividir as terras: “*Si las tierras estuviesen mejor repartidas, no habria estos grandes desiertos a las inmediaciones de las fecundas riberas del Gran Rio de la Plata*” é o que afirma Larrañaga (1923, p. 80) ao observar o despovoamento entre *Las Viboras* e o *Puerto de San Juan*, já no caminho de volta para Montevideu. A mesma sugestão já tinha apontado para as terras circundantes da vila de *Canelones* por conta de sua observações nos primeiros dias de viagem. Essa necessidade de dividir as terras havia sido um dos pontos enfatizados por Félix de Azara em sua *Memória*, de 1801, o que me leva a crer que Larrañaga tenha sido influenciado por ele, embora seja difícil precisar influências pontuais em determinadas idéias, tendo em vista o amplo número de leituras de um personagem como Larrañaga.

Existe uma outra hipótese levantada por Alfredo R. Castellanos (1952), o qual afirma que as influências de Larrañaga nesta área se deveriam mais à leitura da obra *Informe sobre el expediente de la ley agraria*, de 1794, do espanhol Gaspar Melchor de Jovellanos (2010). Castellanos¹³ refere-se principalmente às idéias que Larrañaga manifesta na *Oracion Inaugural*, de 1816, onde aparece citada a obra de Jovellanos, entre outras, num trecho que Larrañaga sugere o fomento do pastoreio, da agricultura e do comércio (LARRAÑAGA, 1923, P. 142-143). No mesmo documento, no entanto, aparecem também diversos textos de Félix de Azara.

Se por um lado é possível apontar aproximações entre as idéias de Larrañaga e Azara, por outro, a comparação dos textos revela que existem aspectos em que os dois se afastam bastante, deixando clara a diferença entre o olhar do “europeu” Félix de Azara e do olhar de Larrañaga, habitante do Prata. Por exemplo, quando se refere à gente do campo, Azara (1943, p. 52) reprova veementemente seus costumes e faz referência desfavorável ao fato de que eles repugnariam toda e qualquer ocupação que não se fizesse “*corriendo y maltratando caballos*”. Larrañaga (1923, p.52), por sua vez, relata numa passagem de seu diário a alegria dos peões e da escolta que acompanhavam a comitiva quando o grupo deu pelo caminho com uma tropa de cavalos selvagens (*vaguales*). Peões e integrantes da escolta não se contiveram e sacaram laços e boleadeiras largando em disparada atrás dos animais, atitude que o levou a uma comparação interessante: “*Esta caza es p.a ellos tan divertida como correr tras de un corso o de un javalí en Europa*”. E depois de descrever os detalhes da diversão que terminava com os peões montando os cavalos xucros, continuou a narrativa mostrando que não reprovava esse entretenimento: “*De este modo todos íbamos tan divertidos que cuando creíamos estar muy distantes de la casa de nuestro Regidor, nos encontramos en ella...*”.

Voltando às questões relativas ao estado econômico da Banda Oriental descritas no diário, é possível afirmar que, apesar de relatar com minúcias o cenário de uma Província na qual predominava o estado de destruição e abandono nas vilas, com os campos despovoados e mal aproveitados, Larrañaga mantém uma atitude otimista, buscando soluções, a exemplo do caso citado anteriormente com relação à divisão de terras, no que insiste mais de uma vez.

¹³ Ver as considerações deste autor sobre o assunto em CASTELLANOS (1952, p. 90-111).

Embora favorável ao fomento da agricultura, Larrañaga não menosprezava a importância da pecuária, especialmente da criação do gado bovino, como se percebe ao lamentar a escassez de bois nos lugares em que passava: “*En fin, nada encuentro mas útil que el buey en estos países prescindiendo de la labranza, acarreos, etc., y así tenía el mayor sentimiento al observar estos campos desnudos de unos animales tan útiles*” (LARRAÑAGA, 1923, p. 51). Como se percebe da citação, a criação de bovinos era concebida enquanto fundamental também porque dela dependia o desenvolvimento da agricultura e do comércio. Transcrevo abaixo um trecho que traduz bem a diversidade de usos que poderiam ter os produtos provenientes do gado bovino. Depois de se referir a um assado que lhes foi servido sobre um couro, Larrañaga continua:

El lector habrá observado que para todo usamos de estas útiles pieles que formaban p.r otra parte el renglon mas rico de nuestro comercio. Los botes de los rios y las balsas, los aperos de montar, las sillas, los catres, las botas de los peones, muchos techos y puertas de las casas de campo, en todo esto entran los cueros. El sebo es la medicina mas comun, bien aplicado exteriormente en forma de madurativo, o bien interiormente en agua caliente p.a los resfriados, tos y otras enfermedades del pecho. Los mismos huesos sirven p.a el fuego; de las cabezas forma una silla y de las vértebras candeleros, como lo hemos visto nosotros mismos en cierta posada. De la misma bosta o estiércol usan para el fuego y para el reboque o enlucido de los ranchos (LARRAÑAGA, 1923, p. 51).

Em outra passagem ele adverte os moradores do campo para a má fé dos comerciantes referindo-se ao contato que tiveram com um comerciante inglês enquanto esperavam por Artigas nas margens do Rio Negro. Indo ao encontro do comerciante em busca de jornais ingleses que pudessem lhes dar notícias da Europa, não conseguiram nada, mas foram informados de que dentro de cinco dias uma expedição espanhola marcharia sobre Montevidéu. Segundo Larrañaga, tratava-se de um embuste utilizado pelo inglês para espalhar o medo entre os moradores da região esperando que, temerosos de perderem seus produtos, optassem pela venda dos couros e sebos a um preço muito baixo, aquém do seu real valor (LARRAÑAGA, 1923, p. 51).

Essa passagem registra a presença dos comerciantes ingleses no interior do Rio da Prata logo após a eclosão dos movimentos de independência. Ademais, a ação deste comerciante caracteriza também a relação desigual entre o capital comercial e o setor produtivo neste período em que os comerciantes levavam ampla vantagem sobre os produtores graças a sua posição monopolista que permitia a incidência do “*intercambio*

no equivalente” caracterizado por José Carlos Chiaramonte (1991, p. 31-32). Tal posição monopolista dos comerciantes derivava “*de exclusividad en el acceso al mercado, en el conocimiento de las condiciones mercantiles de su localidad y de las localidades lejanas y de otros factores emergentes, muchos de ellos, de su posición en la estructura social*” (CHIARAMONTE, 1991, p. 32). No caso do comerciante citado por Larrañaga, ao tentar disseminar uma informação falsa, ele procurava baixar ainda mais os preços dos produtos que queria comprar, valendo-se também das dificuldades de informação dos produtores devido ao isolamento das áreas rurais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que o documento ofereça muitas outras possibilidades interpretativas além daquelas exploradas aqui, creio que os exemplos acima mostram como o diário de viagem é uma fonte de pesquisa bastante reveladora da personalidade do autor, evidenciando, por vezes, algumas facetas do sujeito histórico que não se manifestam em documentos mais formais. Neste sentido, o texto apresenta muitos elementos a respeito de Larrañaga enquanto “pesquisador”.

Uma passagem em especial é reveladora do método prático que utilizava para suas pesquisas:

Yo siempre gustaba mucho conversar con nras. gentes porque sé q.e más descubrimientos se deben a la causalidad, mejor diré, a la práctica, que a los vanos y estériles sistemas de la Filosofía: así siempre suscitaba conversaciones útiles y les oía con respecto (LARRAÑAGA, 1923, P. 63).

Se por um lado, no método de pesquisa e no conteúdo do diário, Larrañaga se assemelha muito aos viajantes europeus que percorreram o Prata no século XIX e produziram relatos, por outro, a comparação com estes textos - tal como procurei demonstrar ao compará-lo com Azara - ao mesmo tempo em que revela aproximações, traz a tona a diferença entre a visão de um visitante estrangeiro e um habitante inserido no meio.

Já a comparação com a obra de Sarmiento, revelando opiniões tão distintas produzidas sobre um mesmo personagem num espaço de tempo de trinta anos, é apenas mais um alerta para os cuidados que se deve ter com este tipo de fonte que tem um parentesco muito grande com a ficção. O papel do historiador perante essas narrativas

não é, portanto, avaliar se elas tratam de “fatos que realmente aconteceram”¹⁴, mas sim, de interpretá-las, tal como se pode fazer com a ficção, considerando que, em certas passagens, “*mientiendo, expresan una curiosa verdad, que solo puede expresarse disimulada y encubierta, disfrazada de lo que no es*” (LLOSA, 2002, p. I).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZARA, Félix de. **Memoria sobre el estado rural del Rio de la Plata y Otros Ensayos**. Buenos Aires: Editora Bajel, 1943.

BERRO, Fermin I. Huertas. **Dámaso Antonio Larrañaga (1771-1848)**. Montevideo, 1965.

CALVO, Nancy. Diego Estanislao Zavaleta (1768-1842) Entre la reforma de la Iglesia y la constitución del Estado. In: CALVO, Nancy; DI STEFANO, Roberto; GALLO, Klaus. (coord) **Los Curas de la Revolución: Vidas de Eclesiásticos en las Orígenes de la Nación**. Buenos Aires: Emecé, 2002. p. 83-119.

CAMUSSO, Rafael Argota. **El padre Dámaso Antonio Larrañaga: Apuntes para su Biografía**. Montevideo: Talleres Gráficos A.Barreiro y Ramos, 1922.

CASTELLANOS, Alfredo. **Contribución al estudio de las ideas del Pbro. Dámaso Antonio Larrañaga**. (Apartado de la Revista Historica. Tomo XVII). Montevideo: 1952.

CHIARAMONTE, José Carlos. **Mercaderes del Litoral**. Buenos Aires: Fondo de Cultura económica, 1991.

FAVARO, Edmundo. **Dámasio Antonio Larrañaga: su vida y su época**. Montevideo: Res. S. A., 1950.

FREGA, Ana. La virtud y el poder: la soberanía particular de los pueblos en el proyecto artiguista. In: GOLDMAN, Noemí; SALVATORE, Ricardo (Comp.) **Caudilhismos rioplatenses: nuevas miradas a un viejo problema**. Buenos Aires: Eudela, 1998. p. 101-134.

GUZZELLI, César Augusto Barcellos. Caudilho. In: TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos; MEDEIROS, Sabrina Evangelista; VIANNA, Alexander Martins. **Dicionário Crítico do Pensamento da Direita: idéias, instituições e personagens**. Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad, 2000. p. 80-81.

_____. “Fatos que Realmente Aconteceram?” Considerações sobre História e Literatura. In: SILVEIRA, Hélder G.; ABREU, Luciano A. & MANSAN, Jaime V. **História e Ideologia: perspectivas e debates**. Passo Fundo: UPF Editora, 2009. p. 369-384.

JOVELLANOS, Gaspar Melchor de. **Informe sobre la ley agraria**. Disponível em <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/12926186438926051876657/index.htm>. Acesso: 02 ago. 2010.

LARRAÑAGA, Dámaso Antonio. **Escritos**. Tomo III. Montevideo: Imprenta Nacional, 1923.

¹⁴ Ver a discussão entre História e Literatura que faz neste sentido Guazzelli (2009).

LLOSA, Mario Vargas. **La Verdad de las Mentiras**. Madrid: Alfaguara, 2002

NAHUM, Benjamín. **Breve Historia del Uruguay Independiente**. Montevideo: Banda Oriental, 1999.

PADOIN, Maria Medianeira. **Federalismo Gaúcho: Fronteira Platina, Direito e Revolução**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

SARMIENTO, Domigos Faustino. **Facundo: civilização e barbárie no pampa argentino**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/EDIPUCRS, 1996.

TERNAVASIO, Marcela. José Valentín Gómez (1774-1839) Y el valor de la palabra en la disputa política pos revolucionaria. In: CALVO, Nancy; DI STEFANO, Roberto; GALLO, Klaus. (Coord) **Los Curas de la Revolución: Vidas de Eclesiásticos en las Orígenes de la Nación**. Buenos Aires: Emecé, 2002. p. 171-200.